

O PAPEL DO DOCENTE E DAS INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Márcia Guimarães Oliveira de Souza

Universidade de Uberaba – UNIUBE, marcia.guimaraesos@gmail.com

Marilene Ribeiro Resende

Universidade de Uberaba – UNIUBE, marilene.resende@uol.com.br

Agência Financiadora: Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais - FAPEMIG

RESUMO EXPANDIDO

O estudo bibliográfico descrito neste texto visa ampliar a compreensão acerca do processo ensino-aprendizagem e o papel do docente nesse processo, a partir da abordagem histórico-cultural, com base nas contribuições dos seus teóricos, sobretudo aquelas deixadas pelo seu principal idealizador, que foi Lev Semenovich Vigotski e também as contribuições de Luria e Leontiev que o acompanhavam. Buscamos junto a esses teóricos, o aporte teórico acerca dos elementos fundamentais que estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, os quais se constituem em referencial para a compreensão da mediação didático-pedagógica realizada nos espaços escolares.

Os estudos desenvolvidos por esses pesquisadores russos no início do século XX ainda carecem de maior compreensão e aprofundamento nos dias atuais. Buscamos apresentar o conceito de atividade e de mediação, fundamentais para a compreensão do ensino e da aprendizagem e do papel da escola e dos docentes na perspectiva histórico-cultural.

Vigotski, Luria e Leontiev (2006) afirmavam que nenhum professor poderia ignorar o fato de que uma criança já chega à escola com certo desenvolvimento, como é possível verificar nesta afirmativa: “[...] a aprendizagem escolar nunca começa no vácuo, mas é precedida sempre de uma etapa perfeitamente definida de desenvolvimento, alcançada pela criança antes de entrar para a escola.” (p. 110). Ela interage, aprende a falar, pergunta para os adultos sobre as mais diversas coisas e assuntos, recebe respostas e é assim que a aprendizagem e o desenvolvimento iniciam para a criança desde o seu nascimento.

Outra questão importante levantada por Vigotski, Luria e Leontiev (2006) é que a capacidade potencial da aprendizagem infantil está relacionada aos níveis de desenvolvimento já alcançados pela criança. “A diferença entre o nível das tarefas realizáveis com o auxílio dos adultos e o nível das tarefas que podem desenvolver-se com uma atividade independente, define a área de desenvolvimento potencial da criança” (p.112).

Devido às diversas traduções das obras dos autores russos relacionadas ao foco do presente estudo, em que encontramos também traduções de traduções, existem termos diferentes que foram utilizados para explicar os mesmos conceitos. Ainda hoje, grupos de estudiosos da teoria histórico-cultural do Brasil e também de outros países, divergem quanto ao emprego de determinados termos utilizados por tradutores. Prestes (2010) desenvolveu uma pesquisa de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação da UnB sobre as atividades de tradução das obras de Vigotski. Segundo ela, os equívocos de tradução de certos conceitos influenciaram na compreensão do pensamento desse autor. Por ter morado desde os sete anos na Rússia, vivido e estudado lá até a vida adulta, Prestes (2010) tornou-se uma conhecedora da língua.

Em relação aos níveis de desenvolvimento, citados anteriormente, diversos autores se referiram a eles de forma diferente. Segundo Oliveira (2004), Vigotski estabelece dois níveis de desenvolvimento:

1. NDR (nível de desenvolvimento real) – é o nível de desenvolvimento em que as crianças podem realizar atividades de forma independente.
2. NDP (nível de desenvolvimento potencial) – é definido pela capacidade que a criança possui de realizar tarefas com o auxílio de pessoas mais velhas ou de colegas mais experientes.

Para Prestes (2010), essa definição de NDP parece estranha ao pensamento de Vigotski, pois em todos os trabalhos que se referiram à Zona de Desenvolvimento Iminente – ZDI, a que ela teve acesso e que ainda estavam no idioma russo, em nenhum, Vigotski faz menção a um NDP. Segundo ela, o autor “[...] entende que nada está pré-determinado na criança, há muitos outros aspectos envolvidos para que os processos internos sejam despertados [...]. O que existe é um campo de possibilidades para o desenvolvimento [...]”. (PRESTES, 2010, p. 174). A palavra que significava “possível” foi entendida pelos tradutores como “potencial”, mudando o sentido empregado pelo autor, como podemos observar na citação a seguir, utilizada por Oliveira (2004) para definir ZDP:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de

desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1988 *apud* OLIVEIRA, 2004, p.60).

É importante salientar, portanto, que Oliveira fez uso de obras já traduzidas. Em relação à definição de ZDP, empregada por Oliveira (2004), também foram encontradas diferenças em relação às observações de Prestes (2010), que chama a atenção mais uma vez para a mudança na nomenclatura empregada. Segundo ela, a palavra *proximal* mudou o sentido empregado por Vigotski. Por isso, a palavra *iminente* é mais adequada em relação ao que Vigotski quis dizer no idioma russo, pois esta zona de desenvolvimento tem a ver com funções que ainda estão em estado embrionário, podendo ou não se desenvolver, sendo assim, a tradução mais fiel no idioma russo, seria Zona de Desenvolvimento Iminente – ZDI.

Tomando como base essas breves explicações para este estudo, adotamos a seguinte nomenclatura, porém conservamos a nomenclatura utilizada pelos autores citados:

- ZDI: Zona de Desenvolvimento Iminente.
- NDR: Nível de Desenvolvimento Real.

Para Prestes (2010), não se pode reduzir as atividades que ocorrem na ZDI apenas às atividades escolares, pois, para Vigotski, esta situação pode ocorrer em qualquer ambiente social, sob quaisquer circunstâncias, ou seja, em casa, na casa de amigos, entre outros locais.

A atividade e o ensino

Leontiev (1978) foi o teórico que aprofundou os estudos acerca do conceito de atividade e suas influências na formação da personalidade. Para ele, a atividade é um sistema coletivo derivado de um motivo. Os motivos podem ser de natureza vital, como por exemplo, alimentar-se para satisfazer a fome, ou pode ser para satisfazer necessidades superiores que estão no nível de consciência, de produções mentais, tais como o trabalho, as produções artísticas, dentre outras. As atividades teóricas também são consideradas como atividades básicas na formação da personalidade do indivíduo. O motivo é que direciona e dá força à atividade, por isso não pode haver atividade sem motivo.

O componente básico e o meio de realizar a atividade é a ação. O que caracteriza a ação é o fato de estar direcionada a satisfazer um motivo que é o objetivo da ação. Sendo assim, não é qualquer atividade que poderá ser realizada, há critérios a se observar. Só podemos afirmar que um instrumento físico ou simbólico foi aprendido por alguém, quando observarmos que ações e operações motoras e mentais já foram formadas, ao ponto de permitir o uso desse instrumento pelo sujeito. “Podemos, então, dizer que esse instrumento deixa de ser externo e se transforma em *parte do corpo* do sujeito, mediando sua atividade

física ou mental” (SFORNI, s/d, p.5). Identificamos, nas palavras da autora, o conceito de aprendizagem formulado por Leontiev e que, segundo ela afirma enfaticamente, essas ações e operações não poderão ocorrer sob a influência do próprio objeto, ou seja, só será possível esse processo de desenvolvimento humano por meio da interação social, em que o aprendiz toma contato com o mundo a sua volta, onde ocorrem mediações não intencionais ou não dirigidas e mediações intencionais, ou seja, dirigidas por alguém.

"A Teoria Histórico-cultural da Atividade, desenvolvida inicialmente por Leontiev, Rubinstein e Luria, é geralmente considerada uma continuidade da escola histórico-cultural iniciada por Vygotsky" (LIBÂNEO, 2004, p.7). Vasili Vasilievich Davídov, (1920-1998) continuou os estudos dos seus conterrâneos russos, priorizando o desenvolvimento humano e da aprendizagem escolar.

Para Davídov e Leontiev, a constituição de uma atividade se dá por ações, necessidades, tarefas e operações, só que Davídov acrescenta nesta constituição o desejo como núcleo básico de uma atividade (LIBÂNEO 2004).

O papel da escola e dos docentes - a mediação didático-pedagógica

As pessoas aprendem muitas coisas de forma direta, mas, para os estudiosos de Vigotski, a escola assume um papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo, pois as ações desenvolvidas nela são movidas pelo caráter da intencionalidade em que o motivo é o estudo do conhecimento historicamente produzido. Não basta estar inserido em um ambiente farto de estímulos, pois

[...] para que a apropriação ocorra, a comunicação verbal e prática devem ser intencionalmente dirigidas para a reprodução das ações adequadas com o objeto em pauta, de modo que sejam apropriadas pela criança como instrumentos simbólicos que permitem a ação mental com o mundo circundante. (SFORNI, s/d , p. 6).

A adequação, a qual se refere a autora, está relacionada à organização , à sequência de ações e atividades que o professor irá propor aos alunos. Tais ações deverão considerar o NDR dos alunos e a sua ZDI. Está claro, então, que o papel da escola é intervir intencionalmente sem esperar que o estudante construa conhecimentos sem essa intervenção. O aluno vai internalizando os signos que se transformam em elementos de mediação interna para ele. Para Sforni (s/d), o professor tem uma função mediadora e “na aprendizagem de uma atividade mental, o foco da ação do mediador são as funções mentais envolvidas no processo de apropriação de um determinado conhecimento” (p.7). O professor deve, portanto, guiar o estudante nesse processo. Para Bernardes (2012), essa ação intencional e consciente realizada

pelo professor é que evidencia a dimensão didática da sua atuação. Isso pode ser observado quando o professor “elabora o instrumento que *medeia* o conhecimento científico que possibilita a aprendizagem dos estudantes.” (p.84).

Sendo assim, a escola, como instituição social, como organização voltada para o desenvolvimento humano nos aspectos: social, político, ético, profissional, entre outros, influencia, impulsiona qualitativamente e quantitativamente esse desenvolvimento. Moura *et al* (2010) enfatizam também o papel da escola, quando abordam sobre a importância da organização do ensino, como lugar social privilegiado para a apropriação de conhecimentos historicamente produzidos, pois a instituição escolar possui a intencionalidade social de educar.

A escola é, assim, o lugar de mediação cultural e pedagógica, como viabilizadora da educação, constitui-se como "prática cultural intencional de produção e internalização de significados" (LIBÂNEO, 2004, p.5). Nesse espaço, o professor tem a tarefa de organizar sua ação de forma a levar os educandos a adquirirem os conhecimentos historicamente produzidos.

Para Vygotsky (2002), o desenvolvimento mental deve ser o resultado do aprendizado que, quando organizado adequadamente, movimenta os processos de desenvolvimento humano. Essa atividade mental é essencialmente humana resulta da aprendizagem social. O homem vai interiorizando significados sociais que são derivados da atividade cultural e mediados por signos.

Adotamos o termo mediação didático-pedagógica neste estudo, porque a mediação nos processos e práticas escolares se estabelece de diferentes formas. Ocorre ao nível do didático, ou seja, do ensino, na relação professor – conhecimento – aluno, mas também está condicionada a outros elementos mediadores, como as diretrizes, o projeto político-pedagógico, os planos de ensino, a gestão institucional, a disponibilidade e o uso de diferentes mídias, dentre outros instrumentos, tendo como objetivo a aprendizagem e o desenvolvimento humano dos alunos.

Buscamos em Vigotski (2003) qual é o papel do professor nesse contexto e encontramos importantes esclarecimentos acerca desse assunto. Esta obra foi uma das primeiras de Vigotski e foi escrita para estudantes que tinham a intenção de se tornarem professores.

Para ele, a aquisição dos conhecimentos só é possível na ação, pois, no lugar de ensinar, o professor deve “educar a aptidão de adquirir esses conhecimentos e valer-se deles [...] Ele tem que se transformar em organizador do ambiente social que é o único fator

educativo.” (VIGOTSKI, 2003, p.296). Assim como não se aprende a nadar lendo manuais, ou então, só se aprende a caminhar, caminhando, essa mesma relação pode ser aplicada para todos os aspectos da educação. Dar uma aula ou explicar uma lição é apenas uma parte do papel do professor.

A seguir, sintetizamos os deveres do professor, segundo Vigotski (2003):

1. ter um profundo conhecimento acerca das leis da educação;
2. ser inspirado no conhecimento científico;
3. antes de ser um linguista ou matemático, ele deve ser um professor;
4. terá que aprender muito;
5. conhecer profundamente a matéria e a técnica do seu trabalho;
6. deve viver na coletividade escolar, estreitando, assim, relações entre professor-aluno;
7. transformar a educação em uma criação da vida.

Enumeramos esses deveres a partir da leitura da obra citada. Consideramos que as palavras de Vigotski continuam atuais e demonstram a essência do trabalho do professor, que deve conhecer profundamente o seu ofício, as leis que o regem, estar sempre atualizado, ter conhecimento didático, estar próximo de seus alunos e gostar do que faz.

Considerações

Este estudo nos levou a perceber que um trabalho bem estruturado e organizado pelo professor é extremamente importante para conduzir o aluno na aquisição de conhecimento. No entanto, para auxiliar o aluno a percorrer o caminho compreendido entre o ensino e a aprendizagem, esse professor deve estar munido de conhecimentos específicos acerca do trabalho que realiza. Na sociedade, o professor é quem assume essa tarefa de ser o organizador do processo educacional ao idealizar as atividades de ensino de forma intencional e é, nesse sentido, que o espaço escolar passa a ser valorizado nessa abordagem. A mediação não está personificada na pessoa (professor), mas sim, está presente no processo ensino-aprendizagem.

Referências

BERNARDES, Maria Eliza Mattosinhos. **Mediações simbólicas na atividade pedagógica: contribuições da teoria histórico-cultural para o ensino e a aprendizagem.** Curitiba – PR: Editora CRV, 2012.

LEONTIEV, Alexei. N. **Atividade, consciência e personalidade**. Trad. Martins, M. Silvia Cintra; 1978. Disponível em: <<http://www.marxists.org/>>. Acesso em: 21 out. 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov. **Revista brasileira de educação**. In: No 27, Universidade Católica de Goiás, set. / nov. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n27/n27a01.pdf>>. Acesso em: 13 fev.2012.

MOURA, Manoel Oriosvaldo de; et al. A atividade orientadora de ensino como unidade de ensino e aprendizagem. In: MOURA, Manoel Oriosvaldo de. (Org.). **A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural**. Brasília: Liber livro, 2010.

OLIVEIRA, Martha Kohl. **Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio histórico**. 4 ed. São Paulo: Scipione, 2004.

PRESTES, Zoia Ribeiro. **Quando não é quase a mesma coisa: Análise das traduções de Lev Semionovich Vigotski no Brasil – Repercussões no campo educacional**. UNB, Brasília, 2010. Disponível em: <<http://biblioteca.fe.unb.br/pdfs/2010-03-191048zoiaprestes.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2013.

SFORNI, Marta Sueli de Faria. **Aprendizagem e desenvolvimento: o papel da mediação**. Disponível em: <<http://www.nre.seed.pr.gov.br/ibaiti/arquivos/File/Sforni.pdf>> Acesso em: 22 out. 2012.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Ícone, 2002.

_____. **Psicologia pedagógica**. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIGOTSKII, Lev. Semenovich.; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N.; **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10 ed. São Paulo: Ícone, 2006.